

**Revista de Literatura,  
História e Memória**

Literatura e Cultura  
na América Latina

ISSN 1809-5313

VOL. 5 - Nº 5 - 2009

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 107-117

## **DA HISTÓRIA À FICÇÃO - INÉS DEL ALMA MÍA (2006) - NARRATIVA DE CONQUISTAS HISTÓRICAS E PESSOAIS**

CANELLO, Marilene (PG – UNESP/ASSIS-SP)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Diferentes culturas, diferentes civilizações, mundos antagônicos misturaram suas histórias, envolvidas em muita luta, crueldade e dominação. Este díspar universo histórico é ficcionalizado e representado, no decorrer das trezentas e sessenta e seis páginas do romance *Inés del alma mía* (2006). Principalmente no que se refere às mulheres, aos índios e aos negros, aspectos sempre muito recorrentes nas obras de Isabel Allende. O texto nos permite várias leituras, sejam elas sociológicas ou históricas. Narradora e personagem, Inés Suárez (1507 - 1580), espanhola, nascida em Plasencia, que viaja ao Novo Mundo em 1537, onde participa da conquista do Chile e da fundação da cidade de Santiago, narra quase sempre em primeira pessoa, relata a vida de uma mulher que rompe com todas as normas estabelecidas em sua época, tanto no mundo Europeu quanto no Novo Mundo. Ao relatar sua vida pessoal, encadeia em suas narrações fatos históricos, ora em ordem cronológica, ora conforme a seleção de sua memória, organizada e dirigida por seus afetos. O estilo de uma retórica persuasiva, com marcante capacidade de expressão, se manifesta em uma linguagem dinâmica, se entrecruzam descrições e narrativas, intercaladas por diálogos em estilo direto. Sensibilidade e sensualidade parecem ser as evidências impregnadas no texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Inés del alma mía* (2006), Isabel Allende, romance histórico

**RESUMEN:** Distintas cultura y distintas civilizaciones, mundos antagónicos mezclaron sus historias, envueltas por mucha lucha, crueldad y dominación. Esto díspar universo histórico es ficcionalizado y representado, en el transcurso de las trescientas sesenta y seis páginas de la novela *Inés del alma mía* (2006). Principalmente lo que se refiere a las mujeres, a los indígenas, y negros, aspectos siempre muy recurrentes en las obras de Isabel Allende. El texto posibilita varias lecturas, sea sociológicas o históricas, Narradora y personaje, Inés Suárez (1507 -1580), española, nacida en Plasencia, viaja al nuevo mundo en 1537, donde participa de la conquista de Chile y de la fundación de la ciudad de Santiago, narra casi siempre en primera persona, redacta la vida de una mujer que rompe con todas las reglas establecidas en su época, tanto en el mudo europeo cuanto en el Nuevo Mundo. Al redactar su vida, va encadenando en sus relatos, hechos históricos, a veces en ordene cronológica, y a veces, conforme la selección de su memoria, organizada y dirigida por sus afectos. El estilo de una retórica persuasiva con notable capacidad de expresión

se manifesta em um linguagem dinâmico, se entrecruzam descrições com narrativas, intercaladas por diálogos em estilo direto. Sensibilidade e sensualidade parecem ser as evidências impregnadas em o texto.

PALABRAS-LLAVE: *Inés del alma mía* (2006), Isabel Allende, novela histórica

*Ésta es una obra de intuición, pero cualquier similitud con hechos y personajes de la conquista no es casual. Así mismo me he tomado la libertad de modernizar el castellano del siglo XVI para evitar el pánico entre mis posibles lectores.*

Isabel Allende

Neste romance a autora retorna à narrativa de fatos históricos, recurso utilizado em muitas de suas obras anteriores. Romance, em grande parte, realizado em primeira pessoa pela personagem histórica Inés Suárez (1507-1580), espanhola, nascida em Plasencia, que viaja ao Novo Mundo em 1537, onde participa da conquista do Chile e da fundação da cidade de Santiago.

*Atahualpa, Michimalonko, Huáscar, Pedro de Valdivia, Francisco de Aguirre, Rodrigo Quiroga, Diego de Almagro, Carlos V, Hernán Cortés, Francisco Pizarro, Hernán Pizarro.* Nomes que no remetem a um universo histórico de massacre, de exploração e de explorados. Circularam em uma mesma época, porém, representam a história de dois mundos antagônicos. É a ficção abrindo-se para a história. É a história deslocando-se para ficção.

No romance de Allende, estes nomes são personagens e representam alguns episódios que marcaram fortemente a Conquista do Novo Mundo. Na obra, muitos dos espanhóis, acreditavam que a valentia e a coragem eram suficientes para conquistar grandes tesouros do Novo Mundo.

*[...] aquella época, se nutria de las historias fabulosas del Nuevo Mundo, donde los mayores tesoros y honores se hallaban al alcance de los valientes que estaban dispuestos a correr riesgos. Se creían destinados a grandes hazañas, cómo Cristóbal Colón, quien se echó a la mar con su coraje como único capital y se encontró con la otra mitad del mundo, o Hernán Cortés, quien obtuvo la perla más preciosa del imperio español, México. (ALLENDE, 2006, p. 21).*

“Império Inca, Mapuche, Aztecas,” mas, sobretudo os espanhóis, compõem o universo ficcional representado no presente romance. Percebe-se nesta obra, não somente o encontro de personagens de mundos distantes, como também,

o choque entre diferentes culturas. Sendo que o gênero romanesco possibilita o encontro de diversas linguagens e permeia tempos históricos distantes, entrelaçando mundos diferentes, presente e passado são constantemente modificados e recriados no universo de um romance.

Segundo Linda Hucheeon (1991, p. 165), "A investigação teórica do amplo diálogo entre as literaturas e as histórias foi parcialmente possibilitada pela reelaboração que Julia Kristeva fez com as noções bakhtinianas de polifonia dialogismo e heteroglossia." As múltiplas vozes dentro de um texto fazem com que ele adquira sentido e tenha valor. Em *Inés del alma mía*, ocorre o entrelaçamento histórico e ficcional de vários episódios do mundo europeu e da Conquista do Novo Mundo .

No decorrer da narrativa está em constante evidência, a exploração e a submissão de uns, e a preponderância e a ganância de outros. Vale destacar que Carlos Fuentes (2007, p. 28), refere-se ao gênero romance da seguinte forma: "o romance não só como encontro de personagens, mas como encontro de linguagens, de tempos históricos distantes e de civilizações que, de outra maneira, não teriam oportunidade de relacionar-se".

Nesta obra, o grande destaque está no relato de vida da personagem histórica e ficcional, Inés Suárez. Pode-se dizer que a mesma representa a luta de muitas mulheres na conquista de um espaço para sobreviver e libertar-se de muitos tabus e preconceitos que marcaram toda uma história, regida por verdades estabelecidas em poderes instituídos e tradicionalmente firmados em uma sociedade patriarcal. Quando do lançamento de *Inés del alma mía* (2006), em Plasencia na Espanha, a autora manifesta-se da seguinte forma:

*La historia la escribe los machos vencedores, generalmente blancos, por lo que, el papel de la mujer no figura para nada en la historia, de la misma manera que quedan callados, los pobres, los indígenas (19/ /09// 2006 - Plasencia España, (WWW. Clubclutura.com).*

Pela história oficial, pouco se conhece sobre Inés Suárez, porém no romance, ela representa a voz calada e silenciada da história de muitos excluídos. Com atitudes muito avançadas para uma mulher daquela época e com muita coragem, ela deixa sua terra, Palencia na Espanha, e consegue licença para embarcar para o Novo Mundo, pois seu marido Juan de Málaga já estava em busca do El Dorado. Para Inés, era preferível enfrentar os perigos do mar e das terras bárbaras, envelhecer e morrer sem ter vivido plenamente. Assim, no ano de 1537, acompanhada por sua sobrinha Constanza, embarca rumo ao Novo Mundo.

No primeiro capítulo do romance, a narradora não se detém somente aos fatos que se passam na Europa. Com mudanças no foco narrativo e no nível do discurso, os relatos e alusões a aspectos históricos dos dois continentes estão muito presentes, principalmente, em relação à conquista do Chile. Os aspectos de dominação dos conquistadores, do preconceito em relação à mulher e a exploração de índios e negros é constantemente alvo do foco narrativo. Destaca-se no trecho abaixo:

*Había hecho algo de fortuna y mantenía a treinta concubinas indias repartidas entre la Ciudad de los Reyes y el Cuzco, "todas muy complacientes", según las describía. En su pueblo de España eso había sido un escándalo, pero en el Nuevo Mundo, donde los españoles toman las indias y negras a su antojo, es la norma. Los más las abandonan después de forzarlas, pero algunos las mantienen a su servicio, aunque rara vez se ocupan de los críos que nacen de esas madres sometidas. Así van poblando los mestizos resentidos.* (ALLENDE, 2006, p. 98).

Como se percebe no trecho citado, outro ponto enfocado é a questão da mestiçagem. Em relação em conceito mestiçagem a estudiosa Silvina Carrizo (2005, p. 261) aponta: "Trata-se de um conceito que emerge do choque com o diferente e se estabelece a partir da biologia, alargando-se na sociedade através de artimanhas discursivas e práticas políticas [...]." Estas representações nas obras ficcionais, nos direcionam a atitudes auto-reflexias em relação aos preconceituosos que se perpetuem, dos tempos mais remotos, até nossos dias.

Europa, América, Chile , Palencia, Castilla, Sevilla, Madrid Extremadura, Puerto de Cádiz, México, Panamá, Perú, El Dorado, Cajamarca, Quito, Ciudades de los Reyes, Lima, Cartagena, Valparaíso, Venezuela, Estrecho de Magallanes, Costa del Pacífico , Orinoco, Caribe, Santo Domingo, Isla La Española, Cuzco, Santiago, Bío- Bío , Sacsayhuamán, Templo del Sol, desierto de Atacama, Tarapacá, Huelén, Mapocho, Marga- Marga, Concón, La Serena, Concepción, Villarica las Salinas. As palavras acima nos remetem a espaços geográficos com uma forte carga histórica, cuja representação torna-se relevante no mundo ficcional do presente romance. Neste aspecto, vale destacar as idéias de Carlos Fuentes (2007), no que diz respeito ao romance:

A geografia do romance nos diz que nossa humanidade não vive na gelada abstração do separado, mas no latejo cálido de uma variedade infernal que nos diz: **Não somos ainda. Estamos sendo.** Essa voz nos questiona, chega a nós de muito longe, mas também de muito dentro de nós mesmos. É a voz de nossa própria humanidade revelada nas fronteiras esquecidas da consciência. Provém de tempos múltiplos e de

espaços longínquos. Mas cria, conosco, o terreno comum onde os excluídos podem juntar-se e contar as histórias proibidas pelos excludores. (FUENTES, 2007, p. 189 - grifo meu).

Diferentes culturas, diferentes civilizações, mundos distantes misturaram suas histórias, envolvidas em muita luta, crueldade e dominação. Este díspar universo histórico é ficcionalizado e representado no decorrer das trezentas e sessenta e seis páginas do romance *Inés del alma mía* (2006) .

Como muito bem nos coloca Carlos Fuentes (2007) “Não somos ainda. Estamos sendo.” A América - Latina como um todo está em constante busca de descobrimento, de formação e complementação. Um mundo e uma mistura de muitas vozes, muitas culturas, diferentes raças. Certamente, o romance proporciona a oportunidade para muitas vozes caladas, silenciadas e exploradas manifestar-se. Encontrar espaço neste contexto que não é; que não está totalmente feito; dito e acabado, mas continua sendo, é uma das funções do romance, que, ao apropriar-se de diversas formas e diferentes linguagens têm a obsessão e se mobiliza para a representação da realidade.

Este romance está dividido em seis capítulos, deslocando como dito anteriormente, o foco narrativo ora para a Europa, ora para a América. Nas palavras de Carlos Fuentes (2007), “O intercâmbio atlântico de nossa literatura é tão velho quanto o Diário de Bordo de Colombo, e os nossos primeiros escritores em castelhano são os exploradores, conquistadores e compiladores das Índias.” (p. 186) Ressalta-se que a história oferece grande material para a literatura. Nesta obra, além do enfoque narrativo que diz respeito a Conquista, todos os capítulos estão acompanhados por uma ilustração retirada da obra *La Araucana* (1568,1578,1589) ,do espanhol Alonso Ercilla de Zuñiga. Ao pé da página dez, encontra-se a seguinte observação: “*Las ilustraciones de este libro proceden de la edición de La Araucana, de Alonso de Ercilia, de la imprenta de Gaspar y Roig, Madrid, 1852*”.

*La Araucana* (1568, 1578,1589), é um poema épico do espanhol Alonso de Ercilla de Zuñiga, que relata a primeira fase da guerra de Araucana, entre espanhóis e o povo Mapuche. Ercilla expressa no poema, como a raça araucana se sobressai em relação aos espanhóis. Narra as tremendas lutas das tropas espanholas contra os indômitos índios araucanos do Chile. A narradora se reporta ao poema e ao seu autor da seguinte forma:

*Mapu-che, 'gente de la tierra', así se llaman ellos mismos aunque ahora los denominan araucanos, nombre más sonoro, dado por el poeta Alonso de Ercilla y Zúñiga, que no sé dónde lo sacó, tal vez de Araucano, un lugar del Sur. [...] Alonso era un mocoso en Madrid cuando los primeros españoles luchábamos en este suelo; llegó a la conquista de Chile en poco atrasado, pero sus versos contarán la epopeya por lo siglos de los siglos. [...] El poeta acusa a los españoles de crueldad y desmedida ambición de riqueza, mientras exalta a los mapuches, a quienes atribuye bravura, nobleza, caballeridad, ánimo de justicia y hasta ternura con sus mujeres. Creo conocerlos mejor que Alonso, porque llevo cuarenta años defendiendo lo que fundamos en Chile, y el apenas estuvo aquí unos meses. (ALLENDE, 2006, p. 82-83).*

Percebe-se certo tom de crítica, não somente ao que se refere ao conteúdo dos versos da obra *La Araucana* (1568, 1578, 1589), como também, em relação ao gênero e a forma que a obra é composta. Destaca também, a falta de reconhecimento em relação à escrita das mulheres:

*Me asombra el poder de esos versos de Alonso, que inventan la Historia, desafían y vencen al olvido. Las palabras sin rimas. Como las mías, no tienen la autoridad de la poesía, pero de todos modos debo relatar mi versión de lo acontecido para dejar memorias de los trabajos que las mujeres hemos pasado en Chile, y que suelen escapar de los cronistas, por diestro que sean. Al menos tú, Isabel, debes conocer toda la verdad, porque eres mi hija del corazón, aunque no lo seas de sangre. (ALLENDE, 2006, p. 84).*

Em uma parte da obra intitulada: *Apuntes bibliográfico* tem-se o seguinte: “*La investigación de esta novela me tomó cuatro años de ávidas lecturas. No he llevado la cuenta de los libros de historia, obras de ficción y artículos que leí para empaparme de la época y de los personajes [...] A idéia da escassez de documentação histórica, em relação a vida de Inés Suárez é reiterada pela autora. “Agradezco a los escasos historiadores que mencionan la importancia de Inés Suárez; sus obras me permitieran escribir esta novela”.* Entende-se que, pela abrangência desta obra ficcional, muitos leitores, (re) elaborarão a história da conquista do Chile.

É uma obra extremamente didática e pedagógica, o que segundo Miniz Sodré (1997), é característica da literatura de massa. Na primeira página da obra, tem-se o mapa do Chile com legendas localizando cidades chilenas, bem como, o ano da fundação de cada uma. Há ainda, a localização dos fortes e as marcas do percurso de expedição de Pedro de Valdivia, desde a saída, de Cuzco - Peru, em 1540, até a chegada e fundação da cidade de Santiago-Chile em 1541, um dos focos do romance.

Observam-se muitos elementos paratextuais, segundo Genette (1997), o “paratexto” é um dos cinco elementos que faz parte de transtextualidade. Entendendo por paratextualidade, como a própria formação da palavra indica, todos os elementos que cercam um texto, tais como: título, subtítulo, prefácio, posfácio, advertências, notas de rodapé, notas finais, epígrafes; ilustrações, editorial, sobre-capa e muitos outros tipos de indicações complementares. A presença de vários elementos paratextuais, nesta obra, é marcante. Desde epígrafe, ilustrações, títulos, advertência, agradecimentos, referências, enfim, todos esses elementos não fazem parte do foco narrativo da obra, porém, de certa forma, subsidiam o entendimento do texto.

O primeiro capítulo, Europa, 1500 -1537, inicia com a apresentação da personagem-narradora do romance:

*Soy Inés de Suárez [...] [...] Allá sería la Inés, costurera de la calle de Acueducto. Aquí soy doña Inés Suárez, señora muy principal, viuda del excelentísimo gobernador don Rodrigo de Quiroga, conquistadora y fundadora del Reino de Chile.* (ALLENDE, 2006, p. 13-14).

A presença dos verbos “soy” e “sería”, na primeira pessoa do singular, nos levam a detectar a presença de um narrador, segundo a denominação de Genette (s/d), intradieгético – Inés é personagem e participa dos fatos. Inés Suárez, conduz o foco narrativo e também, o nome Inés, faz parte do próprio título do romance. Percebe-se, já no primeiro capítulo, o aparecimento de aspectos narrativos, usados com muita frequência pela autora em outras obras, como por exemplo, o recurso metanarrativo e, a possibilidade da representação e projeção do *alter ago* de escritora, na atuação das personagens:

*Entonces te llamé Isabel [...] [...] si narro los hechos de mi vida sin rigor y concierto me perderé por el camino; una crónica ha de seguir el orden natural de los acontecimientos, aunque la memoria sea un revoltijo sin lógica. Escribo de noche, sobre la mesa de trabajo de Rodrigo, arropada en su manta de alpaca. [...] Puedo anotar mis recuerdos y pensamientos con tinta y papel gracias al clérigo Gonzáles de Marmolejo, quien se dio tiempo, entre su trabajo de evangelizar salvajes y consolar cristianos, para enseñarme a leer.* (ALLENDE 2006, p. 16-17-18).

Assim como a personagem, Belisa Crepusculario, anagrama de Isabel no conto *Dos Palabras* (1987), Inés Suárez também aprende a ler e escrever por intermédio de um padre. A possibilidade de dominar e fazer uso da escrita faz com que às lembranças da vida e das pessoas, com as quais Inés conviveu, sejam transfor-

mas em narrativas. Em relação à autora, ela também constrói suas narrativas anotando fatos a lembrando episódios de sua vida Conforme registro em seu livro de memórias, *Meu país inventado* (2003):

*[...] na bolsa levo sempre um lápis e um pequeno bloco a fim de anotar aquilo que me chama atenção. O que aprendi naquela época serve agora à minha literatura. [...] As lembranças não se organizam cronologicamente, são como fumaça, que se não tratamos de registrá-las no papel desaparecerão no esquecimento. Tento organizar estas páginas por temas ou por épocas, mas isso me parece quase um artifício, já que a memória vai e vem, como se percorresse uma interminável fita de Moebius. (ALLENDE, 2003, p. 158-174).*

Salienta-se que na obra: *El Zorro- comienza la Leyenda* (2005), também há a presença de uma personagem denominada Isabel, e, a mesma é a condutora de grande parte do foco narrativo do romance. Mesmo sendo Isabel, um nome muito comum no universo hispânico é muito forte a possibilidade da projeção do *alter ego* da escritora, não somente pelos nomes das personagens serem o mesmo da autora, como também, pelo ato de escrever - recurso empregado pelas três personagens.

O ato de aprender a ler, fazer anotações, contar histórias são aspectos recorrentes nas narrativas de Allende. Nesta obra, a narradora, constantemente, faz referência aos poucos livros que existiam na colônia disponíveis para a leitura e, também, à proibição de muitos outros pela Inquisição. Na passagem abaixo, por exemplo, menciona leituras que está realizando e, outra, que pretende efetuar:

*[...] debía muchos favores a este capellán; mal que mal, me estaba instruyendo. Ya podía leer sin ayuda uno de los tres libros de Pedro, Amadís, de amores y aventuras. Con los otros dos todavía no me atrevía, El cantar del Mío Cid, sólo batallas, y Enchiridon Militis Christiani, de Erasmo, un manual para soldados que no me interesaba para nada. El capellán tenía otros varios que seguro también estaban prohibidos por la Inquisición y que un día yo esperaba leer. (ALLENDE, 2006, p. 209-210).*

A sexta parte do romance, *La guerra de Chile, 1549 - 1552*, começa da seguinte forma: *Se nota que mi letra ha cambiado en la última parte de este relato. Durante los primeros meses escribí de mi puño pero ahora me canso a las pocas líneas y prefiero dictarte; mi caligrafía parece un enredo de moscas, pero la tuya, Isabel, es fina y elegante* (ALLENDE, 2006, p.301). Neste ponto a narradora, Inés Suárez, passa a função da escrita para sua enteada, Isabel. Tem-se a verdadeira projeção do *alter ego* de escritora, já que agora quem escrever é a própria Isabel, antes apenas interlocutória.

Outro elemento discursivo presente em muitas das obras da escritora é o realismo mágico. Conforme as modalidades de Realismo mágico apresentadas por Spindler, citadas no artigo: *Realismo Mágico e Real Maravilhoso*, dos pesquisadores Antonio R. Esteves e Eurídice Figueiredo (2005, p. 308), opta-se pelo termo realismo mágico ontológico, denominado da seguinte forma “[...] o sobrenatural apresenta-se de forma realista como se não contradissesse a razão e não se oferecem explicações para os acontecimentos irrealis da obra.”.

*Un Viernes Santo mi hermana Asunción, quien tenía once años, amaneció con los estigmas de Cristo, horribles llagas abiertas en las palmas de las manos, y los ojos en blanco volteados hacia el cielo. [...] Asunción era la única estigmatizada en la región, cada año en la Semana Santa alguna niña padecía de algo similar, levitaba, exhalaba fragancia de rosas o le salían alas, y al punto se convertía en blanco del entusiasmo de los creyentes.* (ALLENDE, 20006, p. 18, 19).

Em algumas passagens da obra aparecem fatos sobrenaturais, tanto nas lembranças de fatos ocorridos na infância da narradora, vivida na Espanha, como de fatos que vão ocorrendo durante a permanência da narradora no Novo Mundo.

*Era mágica, podía hablar con los muertos y ver el futuro; a veces bebía una mixtura de plantas que la enviaba a otro mundo, donde recibía consejos de los ángeles. Ella ni los llamaba así, peor los describía como seres transparentes, alados y capaces de fulminar con el fuego de la mirada; éstos no pueden ser sino ángeles. Nos absteníamos de mencionar estos asuntos delante de terceras personas porque nos habrían acusado de brujería y tratos con el Maligno.* (ALLENDE, 2006, p. 107-108).

Ainda, conforme o texto, *Realismo Mágico e Real Maravilhoso*, em relação a Realismo mágico ontológico é assim colocado: “[...] O mágico refere-se a ocorrências inexplicáveis, prodigiosas ou fantásticas, que contradizem as leis do mundo natural, não havendo explicações convincentes no texto para sua presença”. Iustura-se com mais uma passagem da obra:

*Después que se ha puesto el sol empezó a circular entre ellos el rumor de que los huesos mancillados empezaban a juntar-se y antes del amanecer los esqueletos caerían sobre nosotros como un ejército de ultratumba. Los negros, aterrados, repitieron el cuento, que llegó a oídos de los españoles. Entonces estos vínculos invencibles, que no conocen el miedo ni de nombre, se echaron a lloriquear como criaturas de pecho. [...] Yo no dormí durante varias noches, las pasé rezando, porque los esqueletos andaban rodeando, y quien diga lo contrario es que no estuvo allí.* (ALLENDE, 2006, p. 147).

O estilo de uma retórica persuasiva e uma enorme capacidade expressiva se manifesta em uma linguagem dinâmica, em que se entrecruzam descrições com narrações intercaladas por diálogos em estilo direto. Sensibilidade, sensualidade parecem ser as evidências que impregnam o texto.

Conforme Carlos Fuentes (2007, p.188), [...] *ao lado das frotas de tesouro americano que Espanha levou do México e do Peru para Cádiz e Sevilla, a América espanhola mandou de volta, desde o princípio, suas próprias caravelas carregadas de ouro verbal*. Assim, mergulhados em nossas “formas verbais barrocas conflituosas, sincréticas e pluriculturais” a literatura hispânica, rompeu barreiras, atravessou mares e expandiu-se pelo mundo, pois:

Povoar os desertos que rodeiam os oásis da satisfação, dar vozes ao motim do silêncio, preencher as páginas em branco de história, lembrar-nos e lembrar a nossos contemporâneos de que não vivemos no melhor dos mundos possíveis. O romance estendeu os limites do real, criando mais realidade com a imaginação, dando-nos a entender que não haverá mais realidade humana se não a cria, também, a imaginação humana. (FUENTES, 2007, p. 190).

Segundo Linda Huchon (1991), “a metaficção histórica não nega a realidade, ela apenas questiona a maneira como conhecemos e como é ou foi essa realidade.” Assim, muitas obras literárias hispânicas, cumprem a grande função de representar a realidade. Dizendo, muitas vezes, o que não foi dito pela história oficial. Isabel Allende, conta e se conta, com sua fluidez narrativa, apresenta Inés Suárez e sua superação enquanto mulher.

## NOTA

2 Mestranda do Curso de Letras do Programa de Pós-graduação em Letras – UNESP – Assis –SP

## REFERÊNCIAS

ALLENNE, I. *Inés del alma mía*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

ALLENNE, I. *Meu país inventado*. Tradução Mario Pontes. Rio de Janeiro: Bertrand: 2003

CARRIZO, S. Mestiçagem. In: FIGUEIREDO, E. (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

ESTEVES, A. R. FIGUEIREDO, E. Realismo Mágico e Realismo Maravilhoso In: FIGUEIREDO, E. (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FUENTES, C. *Geografía do romance*. Tradução Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

GENETTE, G. *Palimpsestos*. Paris: Seuil, 1982

GENETTE, G. *Discurso da Narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins, Lisboa: Veja Universidad.s/d.

<http://www.clubcultura.com> Isabel Allende. Acesso em 20/07/2007.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

SODRÉ, Muniz. *Best Seller: A Literatura de Mercado*. 3 ed., São Paulo: Ática. 1988.